

O FANTASMA NO PALÁCIO DOS ENGENHEIROS

E OUTROS
CONTOS RUSSOS

ANTOLOGIA COORDENADA POR
LEONOR ABECASIS, ISABEL OLIVEIRA MARTINS E LARISSA SHOTROPA
TRADUZIDO DO RUSSO POR DIVERSOS TRADUTORES

Índice

Introdução	9
Breve incursão histórica e literária	11
Arkadi Averchenko	17
<i>O cavaleiro da indústria</i>	19
<i>Castelos na areia</i>	25
<i>O poeta</i>	31
<i>Pobre criatura</i>	37
<i>A mentira</i>	43
<i>Nínochka</i>	49
Aleksandr Blok.	57
<i>Ramsés</i>	59
Ivan Bunin	83
<i>O último encontro</i>	85
Vladimir Korolenko	95
<i>A adoptiva</i>	97
<i>Os cocheiros</i>	107
Aleksandr Kuprin	111
<i>O caniche branco</i>	113
<i>O rouxinol</i>	145
<i>O telegrafista</i>	151

CONTOS RUSSOS

Nicolai Lesskov	159
<i>O Fantasma no Palácio dos Engenheiros</i>	161
Mikhail Saltykov-Shchedrin	183
<i>De como um mujique alimentou dois generais</i>	185
Fiodor Sologub.	193
<i>A revista</i>	195
Ivan Turguenev.	203
<i>Trepida</i>	205
Yuri Tynianov.	221
<i>O papagaio de Bruks</i>	223
 Anexos	
<i>A Iacútia e a Vida dos Iacutes</i>	237
<i>Glossário de nomes próprios, topónimos e outros nomes</i> <i>específicos</i>	241
<i>Notas biográficas dos tradutores</i>	245

Introdução

Esta colectânea reúne traduções de obras de autores russos desde a segunda metade do século XIX até às primeiras décadas do século XX. Resulta de um desafio lançado aos alunos dos cursos de russo do Instituto de Línguas da Universidade Nova de Lisboa (ILNOVA) e por eles acolhido com entusiasmo.

Muitas obras da literatura russa – clássicas e mais recentes – estão já traduzidas em português, mas a maioria dos escritores aqui representados é ainda desconhecida. O objectivo desta selecção foi, precisamente, dar a conhecer alguns autores russos talentosos, versáteis e, em simultâneo, profundos. Alguns deles, por serem considerados decadentes, inconvenientes ou com uma visão que não correspondia ao espírito soviético, como Arkadi Averchenko e Yuri Tynianov, foram banidos pela crítica do regime vigente à época e as suas obras só foram publicadas a partir dos anos 90 (após a *Perestroika*).

Os temas abordados e os estilos são diversos: desde um exemplo de dramaturgia (peça *Ramsés*, de Aleksandr Blok) aos contos com uma dimensão fantástica (“De como um mujique alimentou dois generais”, de Mikhail Saltykov-Shchedrin). Em “Os Cocheiros” e “A Adoptiva”, de Vladimir Korolenko, podemos conhecer momentos da vida dos russos na Iacútia e a lenda do povo Iacute, bem como a vivência na aldeia russa. A vida da comunidade judaica foi descrita pela primeira vez por Yuri Tynianov (que nos anos 30 queimou a maioria dos seus manuscritos, sob a ameaça de prisão): não miserável, não humilhada e não sofrida, mas triunfante na adversidade, como se vê em “Papagaio

de Bruks”. Está igualmente presente a sátira elaborada de Arkadi Averchenko, o mais representado nesta colectânea, e de Mikhail Saltykov-Shchedrin, bem como as narrativas de Ivan Bunin, Aleksandr Kuprin, Nicolai Lesskov, Fiodor Sologub e Ivan Turguenov.

Há uma explicação que se impõe, para aqueles leitores que não estão familiarizados com a cultura e língua russas. Na Rússia utiliza-se, além de nome próprio e apelido, um derivado do nome do pai – o patronímico. Por isso, ao longo da leitura, poderão encontrar-se várias formas de tratamento: nalguns casos, esta é feita apenas pelo apelido, Gagarov, ou pelo nome próprio, Nicolai, por exemplo; também pode ser feita pelo nome e patronímico: Serafima Petrovna ou Vera Valentínovna; bem como pelo nome completo: Mária Aleksandrovna Shemshurina. De igual modo, outro aspecto típico da língua russa é o uso das formas diminutivas pré-definidas dos nomes como, por exemplo, Sínochka (diminutivo de Serafima), Nínochka (diminutivo de Nina), Chura (diminutivo de Aleksandr), Serioja (diminutivo de Serguei).

As variações de formas diminutivas de nomes, alguns topónimos ou ainda nomes de objectos específicos comuns no quotidiano russo são apresentados no glossário final da presente colectânea, a qual também inclui notas sobre locais e personalidades italianas citados no conto “Rouxinol”, de Aleksandr Kuprin.

A obra de cada autor é ainda acompanhada por uma breve nota biográfica, tendo em vista tentar compreender até que ponto a experiência de vida influi nos temas escolhidos pelos autores e na forma como os abordam. Neste sentido, e também para um melhor enquadramento das obras traduzidas, inclui-se como introdução uma breve incursão na história da literatura russa, à época.

O Anexo contém um resumo da geografia, história e actualidade do povo Iacute, tão desconhecidas entre nós.

Ao encerrar este trabalho, fica um grande desejo de ir mais além no conhecimento aqui iniciado.

Breve Incursão Histórica e Literária

Na segunda metade do século XIX, a Rússia debatia-se com vários problemas: na sequência das reformas efectuadas na governação do czar Alexandre II, o *Libertador* (1855-1881), era notável o desenvolvimento das relações capitalistas, o crescimento das províncias, a abertura ao Ocidente, o fortalecimento do rublo, entre muitos outros aspectos de progresso do país. Por outro lado, algumas reformas, como a de 1861 (abolição da servidão), não trouxeram benefícios nem aos camponeses nem aos proprietários e o desemprego continuou a aumentar, em condições de crescente crise social e de anti-semitismo.

Nestas condições, ganhavam cada vez mais peso duas grandes correntes sociais: *eslavófilos* (*slavianofily*), a que aderiram escritores como Aleksandr Ostrovski, Fiodor Tiutchev, e *ocidentalistas* (*zapadniki*), de que eram partidários Ivan Turguenev e Mikhail Saltykov-Shchedrin. Os eslavófilos acreditavam e defendiam que a Rússia tinha o seu caminho específico e rejeitavam as reformas de Pedro, o *Grande*; o mote mais utilizado era “a Rússia para os russos”; consideravam que a única religião verdadeira era a ortodoxa; exaltavam o regresso às origens, ao campo e idealizavam o percurso histórico do país. Por seu turno, os ocidentalistas eram adeptos das reformas de Pedro, o *Grande* e de tudo o que era ocidental; criticavam o sistema de governação, apoiavam o progresso e o capitalismo.

Uma outra corrente social da época era a dos *populistas* (*narodniki*), cujo objectivo principal era a aproximação ao povo – “a ida para o povo”. Os populistas acreditavam que apenas o povo era capaz de

mudar o rumo do país e que a religião ortodoxa tinha um papel crucial no percurso histórico da Rússia. Aceitavam as reformas de Pedro, o Grande, mas acreditavam que a Rússia não devia seguir os países europeus.

Na literatura, a principal corrente era o realismo, cuja característica fundamental era tratar os assuntos de um ponto de vista verdadeiro, mostrando os conflitos, as características, positivas ou negativas, da vida social e privada. Atribuía um interesse especial à “pessoa” e à “sociedade”. Os temas escolhidos permitiam criar personagens representativas, ao mesmo tempo que reflectiam sobre as contradições essenciais da realidade. As personagens eram representadas em estreita ligação com o mundo, o que permitia demonstrar o aspecto multifacetado e contraditório das personagens e da sociedade em geral.

O desenvolvimento das personagens baseava-se na sua lógica interior, com uma linguagem objectiva, sem recurso a elementos de expressividade. A realidade era transmitida pelo prisma do próprio autor e os critérios principais eram o compromisso para com a verdade e as personagens como representantes típicos, por oposição ao idealismo. Deste modo, os temas abordados também eram os mais diversos, desde a descrição da sociedade, do povo (campo e aldeia); a abordagem dos fundamentos morais da sociedade e de problemas éticos e filosóficos: da procura do sentido da vida e dos ideais até à descrição da família, das relações matrimoniais e da “nova personagem”, nem sempre fisicamente apelativa, mas com grande riqueza espiritual. Os géneros mais representativos do realismo russo do século XIX foram o romance e o conto, repletos de linguagem rica, de dimensão psicológica e de uma combinação harmoniosa de questões políticas, sociais, filosóficas e humanas. Desta época, destacam-se escritores como Lev Tolstói, Fiodor Dostoievski, Nicolai Lesskov, Ivan Turguenov, Mikhail Saltykov-Shchedrin, Fiodor Sologub, Ivan Goncharov, entre muitos outros.

No início e nas primeiras décadas do novo século, a Rússia enfrentou grandes crises e mudanças dramáticas: a guerra Russo-Japonesa (1904-1905), a primeira Revolução Russa (1905-1907), a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Bolchevique de 1917, a Guerra Civil (1918-1921), além da fome, autênticas tragédias humanas que forneceram à literatura uma panóplia de temas.

A passagem de século também trouxe mudanças na literatura russa. Lev Tolstói dedica-se aos ensaios filosóficos, a geração dos “pais do realismo” é substituída por novos escritores, como Anton Chekhov, Ivan Bunin, Aleksandr Kuprin, Vladimir Korolenko, Maxim Gorki, para mencionar só alguns. Em substituição do romance aparece o conto curto. Muda também o modo de olhar o mundo, nota-se a perda da visão abrangente, surge o interesse pela vida privada da classe “média”. Como principais movimentos literários no final do século XIX, principalmente na poesia, surge o impressionismo e o simbolismo, por oposição ao realismo. Esta é conhecida como a “época de prata” da literatura russa. A “época de prata” não é um período cronológico nem uma soma de correntes literárias. É, antes, uma forma específica de pensamento, em que o realismo perde as suas características.

Nicolai Berdiaev, filósofo religioso e político russo, referiu a este propósito: “Foi uma época de autodespertar no pensamento filosófico russo, de florescimento da poesia e apuramento da sensibilidade estética, de agitação religiosa e de interesse pelo misticismo e pelo ocultismo. Apareceram novas almas, abriram-se novas fontes de vida criativa, despontavam novas auroras, associava-se o sentido de declínio e da morte com a esperança da transformação da vida.”

Entre as principais características da “época de prata” destacam-se as seguintes: catástrofe social, catástrofe espiritual, falta de fé; introdução das ideias de Friedrich Nietzsche: o perecer da fé cristã; Deus não existe; a crença na emergência do super-homem que se encontra para além do bem e do mal. Na literatura, a tendência era para a revisão dos valores tradicionais: o escritor já não é um profeta e a literatura deixa de ser um “manual da vida”; o objectivo principal não é o de despertar bons sentimentos no leitor, mas sim a expressão do artista; os mestres antigos tinham o sentido da harmonia entre a alma humana e a natureza; surge agora em primeiro plano o “eu”, predestinado a uma vida solitária, a uma existência sem sentido e à morte inevitável. Contudo, renascem ideias religiosas: alguns filósofos pregam que a salvação da alma passa pelos valores do cristianismo: a Bondade, o Amor e a Beleza; perde-se o enredo, recusa-se a descrição exterior, valorizando os aspectos psicológicos e o subconsciente. Os métodos principais – convencionalismo, generalização, simbolismo das imagens, paisagens e temas – substituem os do realismo, emergindo o modernismo.

O modernismo foca-se no interesse pelo particular e individual; a visão objectiva da realidade já não desperta interesse. A atenção a um só indivíduo procura, em primeiro lugar, o “eu”, o inconsciente e o sonho; existe a crença no renascimento espiritual, no dom do artista para alterar o mundo através da arte. Os principais representantes são Aleksandr Blok, Andrei Belyi, Valeri Briussov.

Em simultâneo surgem, ainda, duas correntes literárias marcantes: o acmeísmo e o futurismo.

O acmeísmo proclamava o carácter material dos temas e das imagens, apelava à recusa de símbolos, à valorização do ideal, insistindo na substituição da linguagem metafórica por uma linguagem simples, clara e comum, e na atenção aos sentimentos humanos. Como fundadores e principais representantes desta corrente destacam-se Anna Akhmatova, Nicolai Gumiliov e Ossip Mandelshtam.

O futurismo propagava a rejeição da moral, dos cânones, das normas, das tradições e do passado em geral, glorificava a guerra e a violência, a possibilidade de usar todos os estilos e todo o tipo de linguagem. Um dos lemas adoptados pelos futuristas era a frase de Marinetti “cuspir todos os dias para o altar da arte”. São representantes Vladimir Maïakovski, Velimir Khlebnikov e Igor Severianin.

Após a revolução de 1917, principalmente no final dos anos 20, a publicação do artigo de Estaline “Ano de mudanças grandiosas” (1929) deu início a uma série de medidas drásticas e dramáticas na sociedade em geral, incluindo a literatura e a arte. Começaram as represálias, foram proibidos todos os grupos literários não proletários, sendo basicamente negada a herança cultural e científica, proibida a publicação de obras de vários escritores de séculos passados, bem como a tradução de obras de escritores ocidentais. Tornaram-se cada vez mais frequentes os ataques aos escritores de pensamento diferente que foram sujeitos a repressões, alguns presos e mortos nas prisões do regime, como Mikhail Bulgakov, Andrei Platonov ou Ossip Mandelshtam. Eram também banidos e criticados ferozmente os escritores russos que, após a revolução ou mais tarde, emigraram. Daí resultou que se rompesse o equilíbrio entre as várias tendências e uma purga sem precedentes no meio artístico (e da intelectualidade, em geral), instalando-se um único método literário, o realismo socialista, com introdução de temas e de personagens novas, bem como de outro entendimento do mundo, muito longe da realidade.

A literatura russa dividiu-se em três tipos: literatura russa da URSS (Maxim Gorki, Vladimir Maiakovski, Serguei Iessenin, Aleksandr Fadeiev, Isaak Babel); literatura russa da emigração (Leonid Andreiev, Konstantin Balmont, Ivan Bunin, Aleksandr Kuprin, Arkadi Averchenko, Marina Tsvetaieva); literatura russa proibida (“escondida”, “da gaveta”): Boris Pasternak, Mikhail Bulgakov, Anna Akhmatova, Andrei Platonov, Yuri Tynianov, Ossip Mandelshtam, entre outros.

Fizemos assim, resumidamente, a caracterização da época a que se referem os escritores incluídos na presente colectânea. Esperamos que esta breve incursão desperte o interesse em conhecer melhor a Rússia, esse imenso país, e a curiosidade de compreender as circunstâncias históricas de cada um dos autores.

LARISSA SHOTROPA

ARKADI AVERCHENKO
(1881-1925)



Escritor, jornalista e crítico teatral, nasceu em Sevastopol, em 27 de Março de 1881, no seio de uma família de comerciantes. Por causa dos problemas de saúde e de visão, estudou em casa. Com quinze anos começou a trabalhar como escriturário de uma empresa de transportes. Passado um ano foi para o escritório de uma mina de carvão em Briansk, onde ficou três anos. Em 1900, mudou-se para Kharkov.

Em 1903, no jornal de Kharkov *Yuzhnyi Krai* (*Terras do Sul*), foi publicado o seu primeiro conto, “Como precisei de fazer um seguro de vida”, no qual já era visível o seu estilo literário.

Em 1906 tornou-se redactor do jornal satírico *Shtyk* (*Baioneta*). Depois do encerramento deste jornal foi redactor do jornal *Mech* (*Espada*), que também foi fechado rapidamente.

Em 1907, chegado a S. Petersburgo, começou a colaborar no jornal satírico *Strekoza* (*Libélula*), que depois se transformou em *Satiricon* e em 1913 passou a ser o *Novyi Satiricon* (*Novo Satiricon*), do qual se tornou editor e onde foi publicada a maior parte dos seus contos humorísticos.

Em 1910 saíram três livros de Averchenko que o tornaram famoso em toda a Rússia: *Alegres ostras*, *Coelhinhos na parede* e *Contos humorísticos*.

Em 1912 foram publicados os livros *À volta da água* e *Contos para convalescentes*, que lhe confirmaram o título de Rei do Riso.

Nas centenas de contos que publicou, tratava de situações absurdas e personagens grotescas, fazendo observações mordazes sobre a vida da classe média urbana.

Esteve amiúde debaixo do fogo da censura dos czares e recebeu a revolução de Fevereiro (1917) com entusiasmo, mas não aderiu à de Outubro (1917).

Depois da revolução de Outubro, a vida de Averchenko mudou radicalmente. Em Agosto de 1918, o governo declarou o *Novo Satiricon* como anti-soviético e o jornal foi suprimido. Averchenko assumiu uma posição negativa relativamente à autoridade soviética. Em 1918 regressou a Sevastopol (a Crimeia estava ocupada pelos russos brancos), onde até ao final de 1920 se ocupou com assuntos jornalísticos e colaborou em vários jornais, apresentou leituras dos seus contos e dirigiu a secção de leitura da Casa do Artista. Nesta altura escreveu as peças de teatro *Remédio contra os disparates* e *Jogo com a morte*.

Em finais de 1920, com o avanço do Exército Vermelho, conseguiu sair para o estrangeiro através de Constantinopla. A partir de 1922 viveu em Praga e viajou pela Alemanha, Polónia, Roménia e Países Bálticos. Continuou a publicar vários livros até à data da sua morte, a 12 de Março de 1925, em Praga.

O Cavaleiro da Indústria¹

O nosso primeiro encontro aconteceu quando ele, voando da janela do segundo andar, passou diante da janela do primeiro, onde eu nessa altura vivia, e caiu na calçada.

Olhei pela minha janela e, condoído, perguntei ao desconhecido, que esfregava as costas magoadas:

— Posso ser-lhe útil em alguma coisa?

— Porque não? — acenou a cabeça com bonomia, ao mesmo tempo que apontava ameaçadoramente, com o dedo dirigido à janela do segundo andar — claro que pode.

— Então, entre em minha casa — disse-lhe, afastando-me da janela. Entrou, alegre, sorrindo. Estendeu-me a mão e disse:

— Tsatskin.

— Muito gosto. Não se magoou?

— Se quer que lhe diga, sim... nem por isso! Coisa pouca.

— Certamente por causa de uma qualquer beldade de mulher? — perguntei, piscando o olho. — Eh, eh!

— Eh, eh! Então você, provavelmente, é apreciador desta matéria, eh, eh?! Não se fique pelo desejo, posso propor-lhe uma série de postais curiosa? Estilo alemão! As pessoas entendidas consideram-no superior ao francês.

— Não, para quê? — repliquei com espanto, examinando-o atentamente. — Ouça... parece-me que a sua cara não me é estranha.

¹ Traduzido por Esther Liebermann Paiva de Andrade.

Não foi você que, ontem, um senhor qualquer empurrou para fora do eléctrico?

— Nada disso! Isso foi há três dias. Mas ontem atiraram-me de uma escada de serviço, exactamente na sua rua. Para dizer a verdade, nem era uma escada! Uma porcaria de sete degraus.

Reparando no meu olhar atónito, o senhor Tsatskin baixou os olhos e disse com ar de censura:

— Tudo isto porque quero pôr a vida das pessoas no seguro. Mas que boa gente: eu atarefado com as suas vidas e eles azafamados com a minha morte.

— Então o senhor é agente de seguros de vida? — perguntei secamente. — Em que é que o posso ajudar?

— Pode ser-me útil com uma pequeníssima resposta à pergunta: como é que quer fazer um seguro connosco – de vida ou com pagamento do prémio aos seus mais próximos depois – que Deus lhe dê muita saúde – da sua morte?

— Não quero fazer nenhum seguro — meneei a cabeça — nem de vida nem nenhum outro. E familiares, não tenho... Vivo sozinho.

— E esposa?

— Sou solteiro.

— Então, é muito simples, precisa de se casar! Posso propor-lhe uma senhorita de lambar os dedos! Doze mil de dote, o pai tem duas lojas! Apesar de o irmão ser um charlatão, ela é uma morena assombrosa. Amanhã está livre? Então amanhã podemos ir vê-la. Sobre-casaca e colete branco. Se não tiver, pode comprar um, já pronto. Morada – loja “Oborot” ... A nossa empresa...

— Senhor Tsatskin — repliquei. — Valha-me Deus, eu não quero e não me posso casar! Não fui feito, de maneira nenhuma, para a vida de família...

— Oh! Não foi feito? Porquê? Se calhar até agora teve uma vida tumultuosa? Mas não tenha receio... É coisa de somenos, uma ninharia remediável. Posso propor-lhe um expediente que traz alegria a todo o homem melancólico. Seis mil livros gratuitos! Temos um montão de agradecimentos! Frasquinho de amostra gratuita...

— Deixe os seus frasquinhos de prova para si — respondi, irritado. — Não preciso deles. Não tenho uma aparência que incuta o amor. Grande careca, orelhas salientes, rugas, estatura pequeníssima...

— O que é que isso tem — careca? Se a untar com os produtos da nossa firma, da qual sou representante, ficará coberto de cabelo, como, desculpe-me, um coco! Quanto às rugas, às orelhas? Leve o nosso aparelho aperfeiçoado, que pode usar de noite... Corrige quaisquer orelhas. A altura? O nosso aparelho de ginástica aumenta a altura em dois *verchok*² a cada seis meses. Daqui a dois anos já se pode casar, e daqui a cinco até já se pode exhibir! E você a dizer — altura...

— Não preciso de nada! — respondi, apertando as têmporas.
— Desculpe, mas põe-me nervoso...

— Nervoso? Por isso está calado!... Banhos de água fria patenteados, com tubos que se podem enrolar e desenrolar! Existem com torneira ou em chuveiro. Você é uma pessoa inteligente e que me é muito simpática... Por isso aconselho-o a levar o chuveiro... É mais caro, mas...

Agarrei-me à cabeça.

— Porque é que se está a agarrar? Dói-lhe a cabeça? Diga apenas: quantos tubinhos da nossa pomada “Migrenin” é que vai querer. A própria firma entrega no seu domicílio...

— Desculpe — disse, mordendo o lábio —, mas peço-lhe que me deixe. Não tenho tempo. Estou muito cansado e espera-me um trabalho fatigante... escrever um artigo...

— Fatigante? — inquiriu com compaixão o senhor Tsatskin. — Digo-lhe, é fatigante porque até agora o senhor não adquiriu o nosso *pupitre* para leitura e escrita. Posição normal, inclinação confortável... Por duas peças sete rublos, por três — dez...

— Ponha-se a andar! — gritei, tremendo de raiva. — Ou parto-lhe a cabeça com este *presse-papiers*!

— Com esse *presse-papiers*? — perguntou desdenhosamente o senhor Tsatskin, apalpando o *presse-papiers* na minha secretária. — Ora, este *presse-papiers*... Sobre-lhe — e ele voa! Não, se quer ter um *presse-papiers* realmente pesado, então posso propor-lhe um conjunto inteiro de malaquite...

Apertei o botão da campainha eléctrica.

— Vem já aí alguém. Vou dar ordem para o pôr na rua!

² Antiga medida russa igual a 4,4 cm (N.T.).

O senhor Tsatskin, sentado e calado, cabisbaixo, aguardava o cumprimento da minha promessa. Passaram dois minutos. Toquei novamente.

— Belas campainhas, nada a dizer — Tsatskin, abanou a cabeça. — Será possível ter umas reles campainhas que não tocam? Permita-me propor-lhe campainhas com colocação e acessórios por sete rublos e sessenta copeques. Campainhas elegantes...

Dei um salto, agarrei o senhor Tsatskin pela manga e arrastei-o para a saída.

— Saia! Senão ainda tenho um ataque cardíaco.

— Deus me livre. Mas não se preocupe! Nós faremos um funeral de segunda classe, bastante decente. Na verdade, não será tão sumptuoso como um de primeira, mas o carro funerário...

Fechei com estrondo a porta atrás do senhor Tsatskin, dei uma volta à fechadura e regressei à mesa.

Passado um minuto, reparei que a maçaneta da porta se movia, a porta estremeceu por causa da pressão cuidadosa e escancarou-se.

O senhor Tsatskin entrou no aposento e, franzindo os olhos, disse:

— Por último, posso informá-lo de que as fechaduras das suas portas não prestam para nada... Abrem-se à mais pequena pressão! Por meu intermédio, pode obter boas fechaduras inglesas. Uma por dois rublos e quarenta copeques, três por seis rublos e cinquenta copeques, e cinco peças...

Tirei da gaveta da secretária o revólver e, rangendo os dentes, gritei:

— Vou dar-lhe um tiro!

O senhor Tsatskin, com uma expressão satisfeita, sorriu e respondeu:

— Fico muito contente, porque isso dá-lhe a possibilidade de se certificar da qualidade superior do colete à prova de bala que trago vestido para amostra e que lhe posso propor. Uma peça dezoito rublos, duas é mais barato, e três ainda ficam mais em conta... Peço-lhe que se certifique!...

Pus de lado o revólver e, agarrando o senhor Tsatskin pelo tronco, atirei-o pela janela com um rugido selvagem. Enquanto caía, conseguiu gritar-me:

— Tem, nas mangas, uns botões de punho muito pouco práticos. As pontas afiadas romperam-me a roupa e arranharam-me a bochecha. Posso propor-lhe outros, de ouro africano com incrustações, um par dois rublos, três pares de...

Fechei a janela com estrondo.

(1911)